

O DISCURSIVO NO GÊNERO CHARGE: A QUESTÃO DAS FORÇAS DISPERSANTES

Fernanda de Moura Ferreira (UFRN)¹

Fernanda_potiguar@yahoo.com.br

Orientadora: Profa. Dr.^a M^a da Penha Casado Alves (UFRN)²

Penhalves@msn.com

Introdução

Relacionamo-nos, concordamos, agradecemos e fazemos muito mais por meio da linguagem. É por meio dela que nos posicionamos, defendemos nossos ideais e crenças, explicitamos nossas opiniões contrárias a dados temas, refutamos, confessamos, aconselhamos e aprendemos. Ela está de tal forma em nossas vidas e em nossas relações que nós mesmos somos constituídos por linguagem. Volochinov/Bakhtin diz-nos que nossa consciência, que muitos acreditam ser algo aprisionado em nós mesmos, é constituída por signos e por eles se afirma enquanto tal. Assim, eles dizem que a “consciência só se torna consciência quando se impregna de conteúdo ideológico (semiótico) e, conseqüentemente, somente no processo de interação verbal.” (VOLOCHINOV/BAKHTIN, 2010, 34). Sendo assim, a palavra é o material semiótico da vida interior, da consciência, e a maneira pela qual essa palavra entra em nós é através da relação com o outro e por meio da interação temos contato com diversos pontos de vista e valores colocados sobre um objeto/tema, que são veículos pelos enunciados produzidos. O enunciado, sendo “a unidade real da comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2003, 269) - ou seja, da comunicação em seu âmbito macro que sai do eixo estritamente linguístico para alcançar a dimensão dialógica, ideológica, valorativa, histórica e social -, carrega nossa visão de mundo, nossos valores e é através dele que a vida entra na língua, o emprego desta efetua-se em forma de enunciados. Estes circulam no social e mantêm relações entre si, sempre remetem uns aos outros e é através deles que se realiza o fenômeno da interação social.

Além disso, os campos de utilização da linguagem elaboram seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais são chamados gêneros discursivos e têm por função suprir as necessidades comunicativas das esferas nas quais atuam. Agimos no mundo por meio dos gêneros e eles estão presentes em todos os segmentos da sociedade. Neste trabalho nos deteremos ao estudo de um aspecto de um gênero em particular – a charge. Assim, o objetivo deste artigo é analisar as forças dispersantes que estão ligadas a charges. Para tanto, como aporte teórico adotamos a teoria de base bakhtiniana (1998, 2003, 2010) acerca das forças dispersantes, linguagem, ideologia, gênero discursivo; também Cavalcanti (1998), Ferreira (2006) e Nogueira (2003) a respeito do gênero discursivo charge. Esta pesquisa é de caráter qualitativo-interpretativista dentro da área da Linguística Aplicada.

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

² Professora adjunta do Departamento de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da mesma universidade.

1. Referencial teórico

Em nossa introdução já tecemos algumas considerações sobre a teoria na qual embasamos este artigo, a análise dialógica do discurso. Nesta a linguagem é vista como dialógica por acontecer e se desenvolver por meio do diálogo, não no sentido estrito mas no sentido amplo. Bakhtin (2010) usa a metáfora do diálogo para explicar a dinâmica da linguagem, dizendo que

O diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas pode-se perceber a palavra ‘diálogo’ num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja. (p. 127)

O mesmo autor vê a linguagem como constituída pela interação entre as diversas vozes sociais, no confronto entre as “mais diferentes refrações sociais expressas em enunciados de qualquer tipo e tamanho postos em relação” (FARACO, 2009, p. 62). Os enunciados produzidos têm um duplo direcionamento: para trás – ao remeter a algo que já foi dito e, portanto, responder a um já-dito – e para frente – por estar no próprio enunciado o traço de sua possível resposta que ainda será produzida. Assim, o enunciado é participante de uma intrincada e ininterrupta cadeia discursiva e, por mais completo que ele seja, é apenas uma fração dessa cadeia. Tendo em vista que o enunciado nasce no seio da interação social, ele entra no grande diálogo (simpósio universal) ao responder a enunciados, ao reiterar outros, por sempre se dirigir a outro de maneira posicionada, devido a ser próprio deles o eixo axiológico (valorativo) e por mais que se deseje uma impessoalidade absoluta o próprio estilo do enunciado, seleção lexical, sintática e de itens gramaticais da língua, já despontam o teor avaliativo que ele traz. Portanto:

O enunciado existente, surgido de maneira significativa num determinado momento social e histórico, não pode deixar de tocar os milhares de fios dialógicos existentes, tecidos pela consciência ideológica em torno de um dado objeto de enunciação, não pode deixar de ser participante ativo do diálogo social. Ele também surge nesse diálogo como seu prolongamento, como sua réplica, e não sabe de que lado ele se aproxima desse objeto. (BAKHTIN, 1998, p. 86)

Além disso, o enunciado ainda apresenta duas tendências opostas da vida da língua. Esta é retratada como uma realidade ideologicamente saturada e não apenas como um conjunto de categorias formais estudadas pela Linguística da época de Bakhtin, como podemos ver

Tomamos a língua não como um sistema de categorias gramaticais abstratas, mas como uma língua *ideologicamente saturada*, como uma concepção de mundo, e até como uma opinião concreta que garante um *maximum* de compreensão mútua em todas as esferas da vida ideológica. (1998, p. 81) [grifos do autor]

Incidem sobre a língua duas forças opostas, as de centralização e as de dispersão que estão em confronto uma contra a outra e a enunciação traz o ponto de aplicação da força centrífuga (dispersão) e centrípeta (centralização). Essas forças estão ligadas a questão da evolução e estratificação da língua, não sendo uma estratificação apenas diatópica ou de cunho histórico e sim vista no sincrônico, nas diversas “línguas sociais” ao mesmo tempo que formam o plurilinguismo.

Em cada momento de sua formação a linguagem diferencia-se não apenas em dialetos linguísticos, no sentido exato da palavra (formalmente por índices linguísticos, basicamente por fonéticos), mas, o que é essencial, em línguas sócio-ideológicas: sócio-grupais, ‘profissionais’, ‘de gênero’, de geração, etc. a própria língua literária, sob este ponto de vista, constitui somente uma das línguas do plurilinguismo e ela mesma por sua vez estratifica-se em linguagens (de gêneros, de tendências, etc.). E esta estratificação e contradições reais não são apenas a estática da vida da língua, mas também a sua dinâmica: a estratificação e o plurilinguismo ampliam-se e aprofundam-se na medida em que a língua está viva e desenvolvendo-se: ao lado das forças centrípetas caminha o trabalho contínuo das forças centrífugas da língua, ao lado da centralização verbo-ideológico e da união caminham ininterruptos os processos de descentralização e desunificação. (p.82)

Portanto, as forças centrípetas trabalham em prol da unificação, da centralização, da estabilidade, para a conservação do paradigma vigente. As entidades conservadoras tais como instituições religiosas ou mesmo a gramática podem ser consideradas forças centrípetas que atuam nas instâncias ideológicas da sociedade. Em contrapartida, temos as forças centrífugas que vão de encontro aos eixos centralizadores e apontam para o múltiplo, para a ruptura. A carnavalização e o riso são representantes dessa força que procura dispersar o hegemônico. Faraco (2009) explica que

Assim, o diálogo, no sentido amplo do termo (o simpósio universal), deve ser entendido como um vasto espaço de luta entre as vozes sociais (uma espécie de guerra dos discursos), no qual atuam forças centrípetas (aquelas que buscam impor certa centralização verboaxiológica por sobre o plurilinguismo real) e forças centrífugas (aquelas que corroem continuamente as tendências centralizadoras, por meio de vários processos dialógicos como a paródia e o riso de qualquer natureza, a ironia, a polêmica explícita ou velada, a sobreposição de vozes, etc.). (p. 70)

As forças centrípetas estão presentes em discursos que tendem a apagar a diversidade e são monologizantes, ou seja, não contemplam a diversidade, porém devemos ter consciência de que a orientação dialógica é própria do discurso e este não pode apagar tal orientar, apenas afastar-se dela. Os centrífugos combatem unilateralidade, corroem continuamente os esforços de centralização discursiva. E, retomando o enunciado, essas forças o têm como ponto de aplicação, como podemos observar

Cada enunciação concreta do sujeito do discurso constitui o ponto de aplicação seja das forças centrípetas, como das centrífugas. Os processos de centralização e descentralização, de unificação e

desunificação cruzam-se nesta enunciação, e ela basta não apenas à língua, como encarnação discursiva individualizada, mas também ao plurilinguismo, tornando-se seu participante. Esta participação ativa de cada enunciação define para o plurilinguismo vivo o seu aspecto linguístico e o estilo da enunciação, não em menor grau do que sua pertença ao sistema normativo-centralizante da língua única. Cada enunciação que participa de um 'língua única' (das forças centrípetas e das tendências) pertence também, ao mesmo tempo, ao plurilinguismo social e histórico (às forças centrífugas e estratificadoras). (BAKHTIN, 1998, 82)

Em suma, as forças centrípetas e centrífugas estão presentes no social e uma existe em função da outra, por isso o combate. Elas expressão a dinâmica da vida verboaxiológica e participam da língua para que haja um plurilinguismo e, ao mesmo tempo, uma "língua única". Passemos agora ao próximo tópico.

2. O gênero charge

A charge é um gênero discursivo que se utiliza tanto da linguagem verbal quanto da não verbal e, por vezes, apresenta apenas o não verbal. Exige uma interpretação que extrapole os limites do verbal devido a tudo na charge ser "recheado" de sentido, necessitando, portanto, de uma leitura para o visual.

Dentre outras características desse gênero, podemos citar o caráter extremamente situação do texto por ele entrar em diálogo com o "fato do dia", assim como a notícia que tem vida curtíssima pela velocidade dos acontecimentos a charge também tem vida útil curta, ao remeter a fatos do cotidiano. Sua atualidade é um dos traços diferenciais entre a charge e outros gêneros que também se utilizam das modalidades do verbal e não verbal, como a tirinha e o cartum. Outra característica do texto chargístico é o seu caráter fortemente crítico, uma vez que ele retrata um fato do cotidiano de maneira fortemente opinativa, emitindo juízo de valores sobre o acontecimento por meio da construção textual. Tudo na charge retrata esse posicionamento frente aos fatos, suas cores, traços, ironia, caricaturas, entre outros. A opinião é traço constitutivo desse gênero. A criatividade é outro traço marcante e um de seus atrativos, o que chama a atenção do público em geral. Por apresentar modalidade não verbal, ser criativa, curta e, acima de tudo, cômica, risível é que a charge faz tanto sucesso nos jornais, sejam eles impressos ou online, na internet, por haver sites que tem por conteúdo exclusivamente a charge, e nas salas de aula, servindo de pretexto para o ensino de gramática e também como exercício de argumentação e interpretação textual.

O traço cômico próprio da charge é uma de suas estratégias constituintes e um dos responsáveis por seu sucesso. Ele, porém, não é ingênuo e faz parte do eixo valorativo desse gênero, pois o riso é apresentado como uma concepção de mundo. Esse riso é muito particular em relação ao que aparece em outros gêneros discursivos, pois não é de descontração ou de amabilidade, contudo de sarcasmo, corrosão, rebaixamento, não é, então, um riso de graça, mas um riso que traz em si um alto valor axiológico e ele mesmo compõe esse axiológico. Não se pode fechar os olhos para a realidade avaliativa que a charge apresenta, mas percebê-la por meio da composição.

Tais características já foram percorridas por diversos pesquisadores que estudaram a questão da charge sob diferentes prismas e em diversas áreas do conhecimento. A definição de charge também já foi desenvolvida por muitos e as

motivações para tanto ser estudada são as mais variadas. Nogueira (2003), por exemplo, reflete sobre a charge em trabalho intitulado “a charge: função social e paradigma cultural” e diz que “enquanto manifestação comunicativa baseada na condensação de idéias, a sua compreensão requer um entendimento contemporâneo ao momento exposto na relação dos personagens”. Outro traço da charge é a síntese, apesar de atualmente haver charges que se desenrolam como mini vídeos animados e terem bem mais quadrinhos que a charge tradicional que, em geral, aparece em apenas um ou, no máximo, dois quadrinhos. Isso se deve à mudança de suporte uma vez que um jornal impresso não abarca esse novo formato da charge online. No suporte do jornal, Cavalcanti (2008) nos indica que

A charge encontra-se na página de opinião, de editoriais, ou mesmo na primeira página dos jornais porque transmite informações que envolvem fatos, mas é, ao mesmo tempo, um texto crítico e humorístico. É a representação gráfica de um assunto conhecido dos leitores segundo a visão crítica do desenhista ou do jornal. Quanto à forma, as charges representam figuras com possibilidades existentes no mundo real. Assim, na maioria delas, são utilizadas caricaturas e símbolos e não desenhos lúdicos, fantasiosos. Em sua construção, é necessário ter detalhes que forneçam dados suficientes para a compreensão do leitor, tais como a caracterização do ambiente e as marcas simbolizando o tema tratado. (p. 38)

Desta forma, a charge é vista como um gênero jornalístico, entretanto não apenas pelo fato de ter o jornal como suporte e sim por ser um texto noticioso, pois concomitantemente ao juízo de valor que emprega sobre uma temática informa o ocorrido ao leitor. O trecho supracitado também traz informações a respeito do não verbal expresso na charge, reiterando o que já falamos anteriormente sobre os elementos constitutivos desse gênero e traz-nos a informação de que os elementos composicionais devem ser identificados para que haja uma compreensão plena, caso contrário haverá um comprometimento semântico. Para lermos uma charge é necessário muito mais que o linguístico que nele aparece, é preciso estar a par do que está acontecendo no cenário nacional e local, ou seja, saber dos fatos, conhecer minimamente informações sobre os sujeitos envolvidos. Identificar as relações estabelecidas pela charge com os diversos discursos que circulam no social, remetendo ao nosso conhecimento de mundo e estabelecendo as relações necessárias para que se possa perceber a crítica e o tom valorativo que o gênero veicula. Também é preciso reconhecer os personagens caricaturados, as imagens e símbolos para uma compreensão global e o diálogo intratextual que se estabelece.

Em suma, a charge é uma maneira marcadamente valorativa de agir no mundo através da linguagem, de ver os fatos do cotidiano de modo crítico e cômico. Apesar de ser um gênero refinado, em razão de se fazer uma crítica contundente em pouquíssimas palavras, de forma criativa, cômica, sintética e recorrendo ao texto imagético, pode-se dizer que a charge é um gênero de massa por sua larga divulgação nos jornais, na internet e, inclusive, em programas televisivos, atingindo, assim, um grande público das mais variadas camadas sociais e alcançando seus objetivos, expressar opiniões sobre os fatos.

3. Análise

Para ilustrar a maneira pela qual as forças dispersantes (centrífugas) estão presentes no gênero charge trouxemos uma charge do colunista chargista do Yahoo! Alpino, postada no dia 28 de junho de 2011 no site do Yahoo! Brasil.



<http://colunistas.yahoo.net/posts/11971.html>, acesso em 03/07/2011, 09:50.

Analisando a materialidade linguística da charge, observamos que há dois enunciados distintos e de autores diferentes, sendo o primeiro um trecho de uma música composta por Roberto Carlos e Erasmo Carlos e o segundo representa a fala do locutor da estação de rádio. Pode-se identificar que o trecho em negrito é o trecho de uma canção pela presença dos símbolos próprios da leitura de partitura, que graficamente simboliza a música. A fala do locutor é marcada pelo balão que a engloba e que indica fala de personagem. Por fim, temos a figura do rádio. Vemos na fala do locutor que Myrian Rios é citada e a ela é atribuída o enunciado logo acima. Primeiramente é preciso saber quem é Myrian Rios.

Myrian Rios é deputada estadual do PDT pelo estado do Rio de Janeiro e é missionária consagrada da comunidade católica Canção Nova. Trabalhou como atriz durante muitos anos e atuou em diversas novelas, séries e peças. Também trabalhou como apresentadora de programas como Fantástico e Vídeo Show e está atualmente afastada dos programas de TV e rádio que apresenta na emissora Canção Nova. Foi correspondente internacional de cinema em Los Angeles de 1989 a 1995. Manteve um relacionamento de mais de dez anos com o cantor Roberto Carlos, o qual relata em sua biografia lançada em 2003. Após uma rápida biografia, passemos a contextualização da charge.

No dia 21 de junho a deputada estadual Myrian Rios fez um discurso polêmico na Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (ALERJ) no qual declara que não gostaria de ter um motorista homossexual e uma babá também homossexual, pois teria medo de que eles tentassem algo contra seus filhos. No discurso ela fala do direito

de não contratar um homossexual. O discurso ganhou repercussão após cair na internet e causar revolta geral de vários segmentos da sociedade. O Conselho Estadual dos Direitos da População LGBT emitiu uma nota de repúdio ao discurso proferido, chamando as declarações de “irresponsáveis e equivocadas”. Muitas celebridades também se indignaram com as declarações. Voltemos agora à charge.

Observando os elementos constituintes da charge e a situação na qual foi produzida, podemos ver que a escolha pelo contexto musical, expressa pelo desenho do rádio, pela fala do locutor e pelo trecho de canção remete diretamente ao relacionamento que Myrian Rios teve ao longo de mais de dez anos com Roberto Carlos, principalmente pelo trecho escolhido, que é de autoria do cantor junto a Erasmo Carlos. Tal trecho é retirado da música intitulada “Quero que vá tudo pro inferno”, que diz que nada vale ou tem graça se não se está perto da pessoa amada e, portanto, só importa estar perto dela e o resto que vá para o inferno. O chargista retirou o último verso da música e colocou em seu texto, porém o enquadramento dado ao fragmento já não mantém relação com o conteúdo da música, mas entra em diálogo com o contexto social. Toma-se a palavra do outro e submete-a ao acento valorativo veiculado pela charge como um todo. Além de se tomar a fala do outro para trabalhá-la, há relação dialógica entre o enunciado e o discurso religioso, veiculado pela deputada e que prega a condenação da prática do homossexualismo, afirmando que os sujeitos adeptos desse tipo de comportamento não entrarão no reino dos céus, estando, pois, destinados ao inferno, daí o enunciado “e que tudo o mais vá pro inferno” estar sendo “colocado na boca” de Myrian Rios, que é missionária católica e fez declarações de teor negativo quanto aos gays. Tomou-se o discurso religioso, o enquadramento dado à música de Roberto e Erasmo Carlos e a declaração da deputada para formar um enunciado que se dirige como resposta à comunidade gay em geral.

Por esse enunciado, podemos ver a ação de uma força de centralização, de força centrípeta, que busca ir contra a força de mudança, a força centrífuga. Centralização pelo fato de ser histórico o acento negativo colocado pela sociedade sobre o tema da homossexualidade, perpetuando um posicionamento de repúdio que vem desde eras longínquas da civilização e chegam a nós por meio de enunciados de diversos segmentos da atual sociedade. A força centrípeta é identificada, neste caso, pelo enunciado posto sob responsabilidade de Myrian Rios de modo que ele apresenta em si um discurso religioso, que mantém uma postura condenatória e de preservação do paradigma que segrega o homossexualismo. Ao mesmo tempo, esse enunciado ao veicular tal discurso segue o acento valorativo oposto, pois se apresenta para a atualidade como preconceituoso e serve, pela sua simples aparição, de força centrífuga ao se relacionar com outros discursos que defendem a filosofia do “politicamente correto”.

Essa tentativa de “manter as coisas do jeito como estão” é característica própria desse tipo de força que tenta manter a estabilidade das situações e reprimir o diverso. A força de dispersão está exatamente no todo da charge, nos diálogos estabelecidos entre os diversos discursos, pelo diálogo entre charge e momento social, pela própria composição chargística. A própria charge é a força dispersante em relação a todos os enunciados produzidos que trazem uma visão centrípeta do homossexualismo. A comoção consequente das declarações da deputada expressa as forças centrífugas que atuam no social e lutam contra a centralização, a cristalização. Nesse caso, as forças de descentralização combatem as fontes conservadoras que tentam manter a estagnação, tentam manter à margem. A própria charge serve de força centrífuga por responder ao discurso de Myrian de maneira irônica.

Trouxemos além da charge anteriormente mostrada uma outra feita por Aroeira e veiculada tanto no jornal “O Dia” quanto pelo site de charges “A charge on line” no dia 19 de julho deste ano. O texto tem por temática a seleção brasileira na Copa América, vejamos:



<http://www.acharge.com.br/index.htm>, 19/07/2011.

Analisando primeiramente a materialidade linguística, podemos depreender que o texto traz um homem, porém sem aparecer seu rosto e limitando-se a mostrar apenas a parte do tronco. Um dos braços está abaixado enquanto o outro está levantado com a mão tirando uma espécie de faixa da camisa, a qual é a nova versão da camisa oficial da seleção brasileira, que é amarela com um símbolo verde na altura do peito, as cinco estrelas do penta e ainda uma faixa verde centralizada na altura também do peito, estando o símbolo verde acima da faixa. Assim, podemos identificar que a camisa usada pela personagem é da seleção brasileira de futebol masculino oficial e, portanto, podemos ainda inferir pelo fato de estar usando essa camisa e embaixo uma peça branca que nos remete ao calção usado pelos jogadores em seus momentos de treinos e jogos que se trata da figura de um jogador da seleção brasileira. Desta maneira, vemos um jogador da seleção brasileira puxar a faixa verde da camisa, fazendo com que apareça por baixo da faixa o enunciado “made in Paragua”, com a última palavra incompleta, no entanto, recorrendo a nosso conhecimento de mundo, sabemos que a palavra é Paraguai.

Falemos agora brevemente sobre o contexto de produção da charge. Entre os meses de junho e julho de 2011 a Argentina sediou o principal evento futebolístico da América Latina, a Copa América, que reuniu 12 seleções da América Latina e é organizado pela Conmebol (Confederação Sul-americana de Futebol). A seleção brasileira também esteve presente em tal campeonato, sendo uma das favoritas para a conquista do título de campeã da Copa América 2011. Isto era inflamado tanto pelo time escalado para competir no torneio, considerado muito bom, quanto pelo fato da seleção ter sido campeã de quatro das últimas cinco edições do campeonato latino-americano. Havia também uma certa confiança de que o Brasil tinha muitas chances de ser vencedor. O Brasil estava no grupo B junto com Venezuela, Paraguai e Equador, empatando com Venezuela (0x0) e Paraguai (2x2) e vencendo apenas para o Equador (4x2). Assim, o Brasil passou para as quartas de final, tendo por rival a seleção do Paraguai. No jogo que aconteceu no dia 17 de julho do corrente ano, a seleção brasileira teve 56% de posse de bola e fez mais passes certos que a seleção com a qual estava jogando, porém o placar de 0x0 permaneceu até o término do tempo de jogo, levando a

decisão para os pênaltis. Para desespero da torcida brasileira, os quatro lances de pênaltis aos quais as seleções têm direito foram perdidos, uma vez que nenhum dos lances entrou no gol, fazendo com que o Brasil continuasse com o placar zero. Já a seleção paraguaia perdeu o primeiro pênalti, porém marcou gol nos dois lances que se seguiram, não sendo necessário que o quarto fosse batido, em razão de ter sido o suficiente para que o Paraguai passasse para a fase seguinte do torneio e eliminasse a seleção brasileira. Desta maneira, o Paraguai chegou ao fim da Copa América como vice-campeão e o Uruguai como vencedor, tornando-se o maior campeão da história da competição com quinze títulos.

Após esta breve explanação, atentemos para o fato de que o Brasil é referência mundial no futebol, ser a única seleção pentacampeã do mundo e ter vários jogadores que foram eleitos os melhores do mundo. Tudo isto faz com que haja uma força de centralização em cima do Brasil ao momento em que sua seleção de futebol masculina já venceu pelo menos uma edição de todos os campeonatos do qual participou. A centralização reside no fato de uma seleção que já tem tantas vitórias importantes tender a continuar vencendo. O favoritismo do Brasil é proveniente dessa força centrípeta que busca estabilizar os fatos a partir dos acontecimentos passados e é reforçada a cada vez que a seleção entra em um torneio como cotada para o título e isto se concretiza. Quando, porém, tal expectativa é quebrada, seja pela má campanha em alguma competição ou pela não obtenção do título de campeão, entra em cena a força centrífuga, ou seja, a força que trinca a estabilidade, indo de encontro a todo centro de retenção. A situação vivida pela seleção brasileira na edição 2011 da Copa América serve de força dispersante em relação ao histórico do time em edições anteriores do torneio, de toda a expectativa depositada e desempenho esperado.

Sendo assim, o jogo de forças que se pode perceber na charge acima apresentada tende para uma força dispersante, ou seja, quebra com a continuidade estabelecida cinco edições a fio. Essa tendência centrífuga predomina no enunciado em análise, entenda-se enunciado não apenas a parte verbal da charge e sim o todo. Os traços das forças dispersantes aparecem quando se há a negação de que a seleção brasileira seja realmente a seleção brasileira devido a insinuar que a que participou da Copa América seja uma versão “pirata”, por meio da oração “made in Paraguai” (fabricado no Paraguai) e, ativando nosso conhecimento de mundo, termos conhecimento de que em tal país diversos produtos piratas são fabricados e distribuídos para diversas partes do mundo. Também por sabermos que um produto pirata é uma cópia do original com qualidade inferior. Portanto, o que se pode inferir da charge é que a seleção que participou da Copa América era uma versão pirata da verdadeira, tendo em vista que aparentemente seria a mesma, contudo a qualidade era inferior em relação à verdadeira. Tal inscrição também foi motivada em razão do Brasil ter sido eliminado pela seleção paraguaia, unindo assim a ocasião de derrota para o Paraguai e uma possível explicação para tal campanha ao longo do campeonato.

Desta forma, a força centrífuga apresenta-se fortemente na charge em questão em combate direto com a força centrípeta, ao trazer a primeira na forma de justificativa para que a segunda perdesse força.

Conclusão

Após termos refletido sobre as forças centrípetas e centrífugas no gênero charge fica claro que essas forças atuam em um movimento de sobreposição de uma sobre a outra no social, explicitando a vida verbo-axiológica da sociedade. Assim, tais forças não estão apenas na charge, mas em todo e qualquer enunciado com seus pontos de vista e seu teor axiológico. Pensar a questão das forças é pensar sobre o poder da linguagem e o modo como ela atravessa nossas relações com o outro e com o mundo. A contribuição deste trabalho, portanto, reside no estudo feito acerca da vida verbo-axiológica que se apresenta por meio do gênero discursivo charge ao explicitar como as forças centrípetas e centrífugas agem na sociedade e movimentam a linguagem, pensada em uma perspectiva axiológica. Estudar os embates axiológicos que ocorrem abre-nos novas perspectivas de análises e maneiras outras de ver o fenômeno da linguagem e principalmente ajuda-nos a entender como se orquestram os diferentes pontos de vista que circulam no social.

Referências

BAKHTIN, M. *Estética da Criação Verbal*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

_____. *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1998.

BRAIT, B. *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006.

FARACO, C. A. *Linguagem e Diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

CAVALCANTI, M. C. C. *Multimodalidade e argumentação na charge*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Pernambuco, 2008.

FERREIRA, E. G. *Charge: uma abordagem parodística da realidade*. Dissertação de mestrado. Universidade Vale do Rio Verde, 2006

NOGUEIRA, A. A. A charge: função social e paradigma cultural. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 26, 2003, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte, 2003.

Disponível em: <http://letras.terra.com.br/roberto-carlos/48671/>, acesso em 03/07/2011.

Disponível em: <http://www.myrianrios.com.br/biografia>, acesso em 03/07/2011.

Disponível em: http://www.ca2011.com/noticias_todas.php?Lang=1, acesso em 06/08/2011.